

As vogais médias pretônicas no noroeste paulista: comparação com outras variedades do Português Brasileiro

(The pretonic mid-vowels in the Northwest of the State of São Paulo:
comparison with other dialects of Brazilian Portuguese)

Márcia Cristina do Carmo

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

ma_crisca@yahoo.com.br

Abstract: This paper compares the pretonic mid-vowels in the dialect of the Northwest of the State of São Paulo and other varieties of Brazilian Portuguese, from works based on the Theory of Linguistic Variation and Change (LABOV, 1991 [1972]). For the variety of the Northwest of the State of São Paulo, this work is based on the study of Carmo (2013), that shows that these vowels are subject to vowel raising, through which the mid-vowels /e/ and /o/ are pronounced, respectively, as the high vowels [i] and [u], e.g. *p[i]queno* ('small') and *c[u]sturando* ('sewing'). The absence of vowel lowering and the similar process of vowel harmony confirm the general classification proposed by Nascentes (1953 [1922]), who classifies this dialect among the varieties spoken in the South of Brazil.

Keywords: Linguistic variation; pretonic mid-vowels; vowel raising.

Resumo: Este trabalho compara as vogais médias pretônicas no dialeto do noroeste paulista e em outras variedades do Português Brasileiro (doravante, PB), a partir de descrições feitas por trabalhos que se fundamentam na *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972]). Para a variedade do noroeste paulista, este trabalho baseia-se no estudo de Carmo (2013), que aponta que essas vogais estão sujeitas ao *alçamento vocálico*, por meio do qual as médias-altas /e/ e /o/ são realizadas, respectivamente, como as altas [i] e [u], como em *p[i]queno* e *c[u]sturando*. De modo geral, a ausência do *abaixamento vocálico* e a atuação similar da harmonização vocálica faz com que esse dialeto se aproxime dos falares do Sul do Brasil, corroborando a classificação geral proposta por Nascentes (1953 [1922]).

Palavras-chave: Variação linguística; vogais médias pretônicas; alçamento vocálico.

Introdução

O presente trabalho¹ parte da tese de doutorado de Carmo (2013) sobre o comportamento fonológico das vogais médias pretônicas /e, o/ na variedade do noroeste paulista e estabelece comparações acerca do comportamento das vogais médias em contexto pretônico nessa variedade e em outros dialetos do Português Brasileiro (doravante, PB), indicando, dessa forma, tendências gerais que permeiam a aplicação de certos processos fonológicos nessas vogais.

As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista estão sujeitas ao fenômeno denominado *alçamento vocálico*, por meio do qual as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]nserir*. O alçamento vocálico é resultado, sobretudo, de dois processos: (i) *harmonização vocálica* (CÂMARA JR.,

1 Apoio: Fapesp (Proc. 2009/09133-8) e Capes/PDEE (Proc. 2563-11-8).

2007 [1970]; BISOL, 1981),² em que a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo funciona como gatilho à aplicação do alçamento, como em *inv[i]sti* e *s[u]frido*; e (ii) *redução vocálica* (ABAURRE-GNERRE, 1981), em que, geralmente, verifica-se a influência do ponto de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo para a realização do fenômeno, como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*. Segundo Bisol (2009), a harmonização e a redução vocálica são formalmente diferentes, pois aquela consiste em um caso de *assimilação* e esta corresponde a um processo de *neutralização*.

A investigação da harmonização e da redução vocálica em contexto de vogais médias pretônicas é de suma importância, tendo em vista o fato de os comportamentos fonético-fonológicos dessas vogais marcarem variação dialetal. Há mais de três décadas, vêm sendo realizados estudos sobre essas vogais em diversas variedades do PB. Podem ser citados, como exemplos, os trabalhos de Bisol (1981), sobre o dialeto gaúcho; Viegas (1987), acerca da variedade de Belo Horizonte (MG); Bortoni, Gomes e Malvar (1992), sobre a variedade falada em Brasília (DF); Celia (2004), sobre a variedade de Nova Venécia (ES); dentre outros. A partir da descrição de Carmo (2013) sobre as vogais médias pretônicas no noroeste paulista – onde está situado o município de São José do Rio Preto –, o presente artigo compara essa variedade a outros dialetos do PB.

Este artigo está estruturado do seguinte modo: inicialmente, é exposto brevemente o arcabouço referente à *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, seguido pela caracterização do alçamento das vogais médias pretônicas. Em seguida, são descritos aspectos principais acerca do comportamento das vogais pretônicas no noroeste paulista, com base em Carmo (2013). Posteriormente, são tecidas comparações entre esse dialeto e outras variedades do PB. Por fim, são apresentadas as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

Fundamentação teórica

O presente artigo retoma estudos teoricamente fundamentados na *Teoria da variação e mudança linguística* (LABOV, 1991 [1972]), também denominada *Sociolinguística quantitativa*, por operar com números e tratamento estatístico dos dados. Segundo essa teoria, as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado pelas *regras variáveis*, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), cada variável é definida de acordo com funções de variáveis independentes linguísticas (estruturais) e/ou extralinguísticas (sociais). De acordo com Mollica (2013, p. 11), o papel da Sociolinguística consiste em “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”.

Conforme afirma Faraco (2005), é da realidade heterogênea e variável da língua que emerge a mudança. Assim, para que exista mudança, é necessário que tenha havido variação. Nesse caso, a realização de uma variante se sobrepôs totalmente à da variante

² Também denominada *harmonia vocálica*. Neste artigo, denomina-se o processo variável como *harmonização vocálica*, a fim de facilitar sua distinção em relação à regra categórica da *harmonia* presente na raiz verbal.

com a qual competia. Conforme afirma Labov (1991 [1972]), a mudança tende a se completar em algum momento, e os processos variáveis tornam-se invariantes. Todavia, não necessariamente a variação acarreta mudança, já que as variantes podem se encontrar em variação estável.

A mudança linguística pode ser descrita conforme duas abordagens distintas: a *difusão lexical* e a *neogramática*. De acordo com a concepção *difusionista*, cada vocábulo apresenta sua própria história. Seguindo-se essa teoria, as mudanças linguísticas, implementadas a partir do léxico, são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Já a hipótese *neogramática* propõe que todas as palavras sejam atingidas indistintamente pela mudança (lexicalmente abrupta e foneticamente gradual) e que as eventuais exceções à regra possam ser explicadas por analogia.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística fundamenta muitas das pesquisas conduzidas acerca do alicamento de vogais médias pretônicas, fenômeno fonológico descrito na seção a seguir.

Alicamento das vogais médias pretônicas: processos fonológicos envolvidos

Câmara Jr. (2007 [1970], p. 41), a partir de suas observações sobre a variedade do Rio de Janeiro, afirma haver sete vogais orais em posição tônica no PB, sendo elas:

Altas	/u/			/i/	
Médias		/o/		/e/	(2º grau)
Médias			/ɔ/	/ɛ/	(1º grau)
Baixa			/a/		
		Posteriores	Central	Anteriores	

Diagrama 1. Vogais tônicas no PB

Nascentes (1953 [1922], p. 31) destaca o fato de a posição átona ser suscetível às “mais arbitrárias transformações, que variam do enfraquecimento até a supressão”. Segundo Câmara Jr. (2007 [1970]), na posição pretônica, há uma redução para cinco fonemas vocálicos por meio do processo de neutralização. Desaparece a oposição entre vogais médias-baixas e vogais médias-altas, prevalecendo estas em detrimento daquelas. Desse modo, conforme Câmara Jr. (2007 [1970], p. 44), as vogais pretônicas podem ser representadas da seguinte maneira:

Altas	/u/			/i/
Médias		/o/		/e/
Baixa			/a/	

Diagrama 2. Vogais pretônicas no PB

Assim, as sete vogais tônicas do PB são reduzidas a cinco em posição pretônica, por meio da neutralização vocálica. Os fonemas referentes às vogais médias-altas /e/ e /o/ podem ser realizados foneticamente como vogais médias-altas ([e] e [o]), vogais altas ([i] e [u]) ou, ainda, em determinadas regiões do Brasil, como vogais médias-baixas ([ɛ] e [ɔ]). De acordo com Câmara Jr. (2007 [1970], p. 35), isso ocorre por conta de “uma

assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha”.

No que diz respeito às vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista, como já mencionado, pode-se observar o fenômeno fonológico denominado *alçamento vocálico*, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as altas [i] e [u], como em *p[i]dido* e *c[u]ntinua*. Nessa variedade, nota-se também a ausência do *abaixamento vocálico*, em que as vogais médias-altas pretônicas /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as médias-baixas [ɛ] e [ɔ], como em *p[ɛ]r[ɛ]reca* e *c[ɔ]lega*. Esse fenômeno é característico, sobretudo, do Norte e do Nordeste do Brasil, mas também pode ser identificado em determinadas variedades do Centro-Oeste e do Sudeste do país.

Em relação ao *alçamento vocálico*, como apresentado anteriormente, dois processos podem acarretar a sua aplicação: a *harmonização* (CÂMARA JR., 2007 [1970]; BISOL, 1981) e a *redução vocálica* (ABAURRE-GNERRE, 1981). No concernente à harmonização vocálica, mais especificamente no que diz respeito a aspectos articulatórios envolvidos nesse processo, Bisol (1981) afirma que a articulação alta de uma vogal presente na sílaba subsequente faz com que a língua, de antemão, prepare-se a ela, por economia de espaço articulatório, o que altera a pronúncia da pretônica.

Câmara Jr. (2007 [1970]) constata que a harmonização vocálica se dá quando a vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é *tônica*. Bisol (1981), em seu estudo sobre a harmonização vocálica no dialeto gaúcho, afirma que a tonicidade é importante, mas não determinante no que diz respeito à aplicação da regra. A autora destaca a *adjacência* da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo, ao afirmar que “a contiguidade é um traço obrigatório do condicionador da regra da harmonização vocálica. E [...] a tonicidade da vogal alta imediata é traço variável, embora mais atuante que a contraparte átona” (BISOL, 1981, p. 65).

Em relação aos aspectos articulatórios envolvidos no processo de *redução vocálica* – o qual, segundo Abaurre-Gnerre (1981), caracteriza enunciados de ritmo mais acentual –, os segmentos tornam-se mais semelhantes entre si pela diminuição de diferença articulatória da vogal em relação à(s) consoante(s), diminuindo o grau de sonoridade da pretônica. Esse processo pode ser associado ao estilo coloquial e à velocidade de fala.

Em relação às abordagens acerca de mudança linguística apresentadas na seção anterior, Bisol (2009) difere a harmonização da redução vocálica, pois a harmonização – assim como o alçamento da pretônica /e/ inicial antecedendo /N/ ou /S/ – pode ser explicada de acordo com a perspectiva neogramática. A autora afirma ser a harmonização,

[...] inegavelmente, uma regra neogramática, dependente do sistema, favorecida por certos contextos, o que não a impede de ser aplicada em contextos menos favorecedores, em virtude de seu caráter variável, sempre, porém, sob a égide de seu condicionador fonético, a vogal alta seguinte. (BISOL, 2009, p. 87)

Por sua vez, a redução vocálica, por não ter um condicionador fonético específico e por contar com propriedades do próprio fonema – a vogal média é naturalmente mais suscetível à mudança sonora –, é passível de explicação, conforme a autora, segundo a hipótese difusionista.

Na seção seguinte, é feita uma síntese dos resultados principais obtidos por Carmo (2013) sobre o comportamento fonológico das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste do estado de São Paulo.

As vogais médias pretônicas no noroeste paulista

Para a análise das vogais médias pretônicas no noroeste paulista, Carmo (2013) utilizou, como *cópus*, 38 entrevistas retiradas da Amostra Censo – com controle dos perfis sociais dos informantes – do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (Ibilce/Unesp – Fapesp 03/08058-6). Em relação ao tipo de relato, a autora limitou seu *cópus* às *narrativas de experiência pessoal*, por constituírem um gênero em que o informante desvia sua atenção para *o quê* fala, em vez do *modo* como fala, aproximando-se do vernáculo do falante (LABOV, 1991 [1972]).

Como parte de seus procedimentos metodológicos, Carmo (2013) excluiu de seu estudo as vogais médias pretônicas presentes em determinados contextos, a saber: (i) *início de vocábulo*; (ii) *ditongo*; (iii) *hiato*; e (iv) *prefixo*. De maneira geral, a autora justifica esse recorte com base nos percentuais altos de alçamento das pretônicas nesses contextos, os quais poderiam enviesar a análise quantitativa dos dados.

A pesquisa de Carmo (2013) apresentou, como um de seus propósitos principais, a investigação das vogais médias pretônicas de acordo com a classe gramatical, com base em resultados obtidos por trabalhos anteriores acerca das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: o de Silveira (2008), que apontou a *redução vocálica* como o processo mais importante para o alçamento das vogais pretônicas em *nomes*, e o de Carmo (2009), que observou a *harmonização vocálica* como o processo que mais atua em prol da realização do fenômeno em vogais pretônicas em *verbos*.

A partir da utilização do pacote estatístico Goldvarb X, uma rodada inicial dos dados com todas as ocorrências revelou a não seleção da variável *classe gramatical* pelo programa estatístico, fornecendo indício de que essa informação, na verdade, não é relevante para o alçamento vocálico. Para a confirmação desse resultado, Carmo (2013) efetuou outras quatro rodadas, separadamente: (i) pretônica /e/ em nomes; (ii) pretônica /e/ em verbos; (iii) pretônica /o/ em nomes; e (iv) pretônica /o/ em verbos.

As taxas de alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista foram relativamente baixas: 16,1% para /e/ e 16,6% para /o/. De modo geral, Carmo (2013) afirma que o alçamento das vogais médias pretônicas no falar do noroeste paulista é um fenômeno de natureza, sobretudo, linguística, tendo em vista os resultados que apontam a ausência de influência das variáveis sociais consideradas – *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária* – em relação ao alçamento das vogais médias pretônicas no noroeste paulista. Especificamente no que tange à variável social *faixa etária*, a verificação do *status* da mudança em tempo aparente revelou que o alçamento se encontra em variação estável na variedade estudada pela autora.

Em relação às variáveis linguísticas, verificou-se que a *altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo* foi a variável selecionada como a mais relevante em todas as rodadas efetuadas por Carmo (2013). Esse resultado corrobora a informação de que não há comportamento diferenciado das vogais médias pretônicas

em nomes e em verbos no que diz respeito ao alçamento vocálico. Nas quatro rodadas, foram obtidos pesos relativos (doravante, PRs) altos para a vogal-gatilho anterior, que é a vogal relacionada a verbos de terceira conjugação. De fato, os maiores pesos relativos correspondem à presença da vogal gatilho em verbos (PRs 0.967 para /e/ e 0.915 para /o/), mas, em nomes (PRs 0.876 para /e/ e 0.866 para /o/), essa vogal também se mostra altamente favorecedora do alçamento. Portanto, os resultados indicam que a harmonização vocálica, principalmente quando engatilhada pela vogal /i/, é o processo mais atuante para o alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na variedade do noroeste paulista, independentemente da classe gramatical.

Em relação à *tonicidade* da vogal gatilho à harmonização vocálica, Carmo (2013) observa que a tonicidade de /i/ é relevante para o alçamento de /e/ e de /o/, enquanto a tonicidade de /u/ revela-se indiferente em nomes.³ Já a *contiguidade* da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é obrigatória para a harmonização vocálica. Desse modo, confirma-se, para a variedade do noroeste paulista, a afirmação de Bisol (1981) de que a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é informação essencial para a harmonização vocálica, ao passo que a tonicidade da vogal alta não necessariamente determina a aplicação do processo.

O fato de a vogal pretônica se apresentar como tônica em outras formas do paradigma (*c[e]rteza – certo* e *fl[o]rido – flor*) é desfavorecedor do alçamento na variedade do noroeste paulista, ao passo que a constante atonicidade (*pr[i]cisou – precisa* e *c[u]lega – colega*) dessa vogal favorece a realização do fenômeno. Já a atonicidade variável em que a pretônica se apresenta como tônica alta (*m[i]ntia – minto* e *c[u]brindo – cubro*), caso presente principalmente em alguns verbos de terceira conjugação, favorece o fenômeno. A consideração da variável *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre* revela exatamente que a vogal média pretônica presente em verbo de terceira conjugação é mais suscetível ao alçamento.

No tangente ao processo de *redução vocálica*, a consoante labial favorece o alçamento de /o/ tanto em posição *precedente* quanto em posição *seguinte*. Já a consoante dorsal é a favorecedora do alçamento de /e/, porém apenas em posição *subsequente*. A redução vocálica ocorre majoritariamente em vocábulos de um mesmo paradigma, o que fornece suporte à afirmação de Bisol (2009) de que esse processo consiste em um caso de difusão lexical, ao contrário da harmonização vocálica, que é explicada de acordo com a abordagem neogramática, por apresentar um condicionador fonético específico.

Por fim, a *estrutura da sílaba*, selecionada apenas para os verbos, mostra que a sílaba aberta, isto é, sem elemento em posição de coda, é favorecedora do alçamento, ao passo que a sílaba fechada – principalmente quando a coda é preenchida por elemento nasal – desfavorece o fenômeno.

Após a exposição das principais características das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista (CARMO, 2013), passa-se à análise comparativa dessas vogais com as vogais médias pretônicas em outras variedades do PB.

³ Em verbos, a escassez de dados provocou *nocaut*, o que impossibilitou a análise probabilística dos dados.

Comparação com outras variedades do PB

No presente trabalho, as vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista (CARMO, 2013) são comparadas às vogais médias pretônicas nos dialetos arrolados a seguir:

- Estado do Rio Grande do Sul (BISOL, 1981);
- Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987);
- Uberlândia (MG) (FELICE, 2012);
- Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004);
- Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992);
- Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008);
- Salvador (BA) (SILVA, 1989);
- Recife (PE) (AMORIM, 2009);
- João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010); e
- Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007).

Como resultado geral, são apresentadas as porcentagens de alçamento de acordo com diferentes variedades do PB:⁴

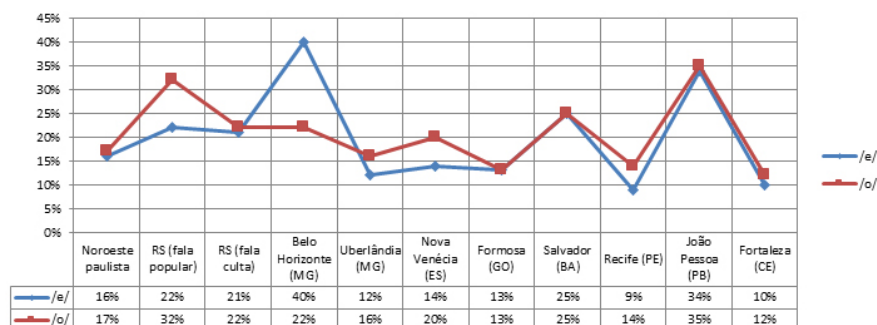


Gráfico 1. Porcentagens de alçamento em diferentes variedades do PB

Observa-se que as porcentagens de aplicação do alçamento na variedade do noroeste paulista (CARMO, 2013) aproximam-se principalmente dos índices observados no Rio Grande do Sul (especialmente no que se refere à fala culta) (BISOL, 1981), Uberlândia (FELICE, 2012), Nova Venécia (CELIA, 2004) e Formosa (GRAEBIN, 2008). No entanto, vale ressaltar que os percentuais de alçamento são dependentes das escolhas metodológicas de cada estudo, pois a exclusão de contextos fonológicos – como, por exemplo, início de vocábulo, ditongo, hiato e prefixo – altera os valores gerais referentes à aplicação do alçamento.

Deve-se destacar, também, que o fato de as variedades estarem em uma mesma região geopolítica ou em um mesmo estado não garante que o comportamento das vogais médias pretônicas seja semelhante. Quando observada a região Nordeste, por exemplo, mesmo com muitos contextos excluídos nos estudos representativos dessa região, as taxas de alçamento podem variar de 10% e 12% para, respectivamente, /e/ e /o/ na variedade de

⁴ O trabalho de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) não divulga as porcentagens de alçamento na variedade de Brasília.

Fortaleza (ARAÚJO, 2007) a 34% e 35% para essas vogais na variedade de João Pessoa (PEREIRA, 2010).

Em seu estudo dialetológico, Nascentes (1953 [1922]) elabora uma divisão geolinguística do falar brasileiro em seis subfalares, reunidos em dois grandes grupos (*norte e sul*). Segundo o autor, uma das diferenças principais entre esses dois grupos é a existência do *abaixamento vocálico*, ou seja, a realização de vogais pretônicas médias-baixas em determinados vocábulos:

De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte, até a Baía e sul, daí para baixo. No sul não ha vogais protonicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação) e a cadencia é diferente da do norte. (NASCENTES, 1953 [1922], p. 19-20)

Dentre os dialetos considerados neste artigo, a variedade do noroeste paulista assemelha-se à gaúcha pela ausência do fenômeno de *abaixamento vocálico*. Na variedade nordestina falada em João Pessoa (PEREIRA, 2010), por exemplo, as vogais pretônicas que sofrem esse fenômeno (44% para /e/ e 42% para /o/) chegam a ser mais frequentes do que as vogais médias-altas (22% para /e/ e 23% para /o/) e as alçadas (34% para /e/ e 35% para /o/).

Em relação ao alçamento vocálico resultante do processo de *harmonização vocálica*, a presença de vogal alta é um fator bastante relevante para a aplicação do fenômeno no PB, sendo destacada em todas as pesquisas que consideram essa informação. Na variedade de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987), no entanto, essa informação se restringe ao alçamento da vogal pretônica /e/, sendo o alçamento da pretônica /o/ decorrente do processo de redução vocálica.

Quanto às vogais que funcionam como gatilho à harmonização vocálica, Bisol (1981) afirma que, na variedade gaúcha, a vogal alta posterior /u/ não favorece o alçamento da média anterior /e/, resultado obtido também no que tange às vogais médias pretônicas do noroeste paulista (CARMO, 2013). Segundo Bisol (1981, p. 114), pelo fato de a vogal posterior /u/ ser menos alta do que a anterior /i/, “é natural que não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria”.

Em algumas variedades, como as de Recife (AMORIM, 2009), Uberlândia (FELICE, 2012)⁵ e Belo Horizonte (VIEGAS, 1987) – nesta, para o alçamento de /e/ – a *tonicidade* e a *contiguidade* da vogal alta são apontadas como relevantes à aplicação do alçamento. A contiguidade, no entanto, é informação mais importante do que a tonicidade, já que alguns estudos destacam somente a atuação da primeira ou, ainda, apresentam a vogal alta átona como gatilho ao alçamento, minimizando a atuação da tonicidade. Esse é o caso dos estudos sobre as variedades do noroeste paulista, Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Nova Venécia (CELIA, 2004) e Salvador (SILVA, 1989). Essas pesquisas corroboram a afirmação de Bisol (1981) de que a contiguidade é fator essencial à aplicação da harmonização vocálica, sendo a tonicidade uma informação relevante, mas secundária para a realização do processo.

5 No que tange à variedade de Uberlândia, Felice (2012) destaca a *contiguidade* da vogal tônica apenas para o alçamento da pretônica /o/.

Sobre o *grau de atonicidade da pretônica-alvo*, a permanência de seu caráter átono em todas as formas do paradigma atua em favor do alçamento das vogais médias pretônicas no PB. Esse resultado foi atestado em variedades representativas de diferentes regiões brasileiras: Rio Grande do Sul (região Sul), noroeste paulista e Nova Venécia (Sudeste), Brasília (Centro-Oeste) e, finalmente, Fortaleza e Recife – nesta variedade, apenas para o alçamento da pretônica /o/ – (Nordeste). O resultado da pesquisa de Carmo (2013) sobre o noroeste paulista que mostra o favorecimento do alçamento pela *atonicidade variável com vogal alta*, fator relacionado ao processo de harmonia vocálica na raiz verbal, também foi encontrado nas variedades do Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Salvador (SILVA, 1989) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007), para o alçamento de ambas as vogais, e no dialeto de Nova Venécia (CELIA, 2004), para o alçamento da vogal posterior. Sobre esse fator, Bisol (1981) afirma estar relacionado a verbos de terceira conjugação e irregulares de segunda conjugação, verbos que se caracterizam pela presença de vogal alta relacionada não apenas ao processo categórico de harmonia vocálica na raiz verbal, como também ao papel que desenvolve como marca de morfemas flexionais e vogal temática da terceira conjugação. Segundo a autora, há uma abundância de condicionadores na flexão verbal que cria vogais altas, espalhando-as pelo paradigma.

O *ponto de articulação das consoantes precedente e seguinte* também se destaca como relevante à aplicação do alçamento nas variedades do PB. O dialeto de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987) serve como exceção a essa afirmação, pois é constatada influência maior por parte do *modo* de articulação dessas consoantes na capital mineira.

A influência da consoante *precedente* labial para o alçamento da pretônica /o/ foi encontrada não só no que diz respeito ao noroeste paulista, mas também nas seguintes variedades: Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Uberlândia (FELICE, 2012), Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992), Fortaleza (ARAÚJO, 2007), Salvador (SILVA, 1989), Recife (AMORIM, 2009) e João Pessoa (PEREIRA, 2010) (nas três últimas variedades, resultado encontrado também para /e/). Em Nova Venécia (CELIA, 2004), a consoante bilabial favorece o alçamento apenas de /e/ e, em Formosa (GRAEBIN, 2008), apenas de /o/.

Para outras variedades do PB que não o noroeste paulista, deve-se destacar o comportamento da consoante *precedente* velar, verificada como favorecedora do alçamento de /o/ em Uberlândia (FELICE, 2012), Nova Venécia (CELIA, 2004), Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992) e Salvador (SILVA, 1989), e de ambas as vogais médias pretônicas no Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Formosa (GRAEBIN, 2008), Recife (AMORIM, 2009) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007).

Destaca-se ainda a influência da consoante *precedente* palatal para o alçamento de /e/ nas variedades de Recife (AMORIM, 2009) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007) e de /e/ e /o/ em Nova Venécia (CELIA, 2004) e Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992). Vale ressaltar que alguns estudos consideram a ausência de consoante em posição *precedente* como um fator em suas investigações e observam que tal contexto é favorecedor do alçamento da vogal pretônica /e/ – Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992) e Formosa (GRAEBIN, 2008) – ou de ambas as vogais pretônicas – Nova Venécia (CELIA, 2004).

Em posição *seguinte* à da pretônica-alvo, na variedade do noroeste paulista, observa-se o favorecimento do alçamento de /e/ pelas consoantes dorsais/velares, resultado também

observado nas variedades do Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Uberlândia (FELICE, 2012), Nova Venécia (CELIA, 2004), Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992), Formosa (GRAEBIN, 2008), Recife (AMORIM, 2009) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007). A consoante labial atua em prol do alçamento de /o/ na variedade do noroeste paulista, Rio Grande do Sul (BISOL, 1981) e Salvador (SILVA, 1989) e de /e/ e /o/ em Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992), Recife (AMORIM, 2009) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007). A consoante labiodental favorece o alçamento de /o/ em Nova Venécia (CELIA, 2004) e Formosa (GRAEBIN, 2008). Deve-se destacar, também, o favorecimento do alçamento de /e/ e de /o/ por parte da consoante palatal no Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Formosa (GRAEBIN, 2008) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007) e de somente /o/ em Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992) e em Recife (AMORIM, 2009). A ausência de consoante em posição subsequente à pretônica-alvo favorece o alçamento das vogais médias pretônicas em Nova Venécia (CELIA, 2004) e Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992).⁶

O processo de redução vocálica ocorre com baixa frequência nas variedades do noroeste paulista, gaúcha (BISOL, 1981) e capixaba (CELIA, 2004), sendo o alçamento resultado, sobretudo, de harmonização vocálica. Na variedade paraibana (PEREIRA, 2010), também se destaca a harmonização vocálica, tanto para a aplicação do alçamento quanto para a aplicação do abaixamento. Para as variedades de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987) e de Brasília (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992), por exemplo, o alçamento de /e/ é resultado de harmonização, enquanto o alçamento de /o/ resulta, sobretudo, do processo de redução.

Em relação à *estrutura silábica*, os resultados mostram-se heterogêneos. Nas variedades do noroeste paulista e de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987), a estrutura silábica é uma variável importante para o alçamento, o qual é desfavorecido por sílaba travada por elemento nasal. Exclusivamente para o alçamento de /e/, a nasalidade é favorecedora nas variedades do Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Uberlândia (FELICE, 2012) e Nova Venécia (CELIA, 2004) (sendo que, na última variedade, a oralidade favorece o alçamento de /o/). Bisol (1981) justifica o favorecimento do alçamento de /e/ por parte da nasalidade com base na afirmação de que, no processo de nasalização, aumentam-se as frequências dos formantes 2 e 3 e, assim, a vogal média anterior vai na direção da alta, ao passo que a vogal média posterior se aproxima da região das vogais baixas. Para a variedade do noroeste paulista e de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987), essa explicação de ordem fonética não procede, tendo em vista o resultado diferente obtido para a pretônica /e/, a qual, como mencionado, tem seu alçamento desfavorecido nesse contexto. Considerando tratar-se de efeitos fonéticos idênticos em anatomias semelhantes, o fato de o alçamento vocálico apresentar comportamentos antagônicos em determinados contextos em diferentes variedades do PB enfraquece a concepção neogramática do fenômeno.

6 Neste artigo, busca-se apresentar resultados gerais encontrados em diferentes variedades. Todavia, devem ser mencionados alguns resultados que foram obtidos especificamente para uma ou outra variedade, a saber: (i) em Formosa (GRAEBIN, 2008), há a atuação de /N/ e /S/ em coda para o alçamento, respectivamente, de /e/ e de /o/ e de consoantes pós-alveolares em posição subsequente para o alçamento de ambas as vogais; (ii) em Salvador (SILVA, 1989), a consoante dento-alveolar (com exceção das laterais) precedente favorece o alçamento de /e/; e (iii) em Recife (AMORIM, 2009), as consoantes alveolares em contexto precedente e seguinte favorecem o alçamento da vogal média anterior e a consoante seguinte glotal favorece o alçamento da pretônica posterior.

A ausência de segmento em coda favorece o alçamento das vogais médias pretônicas no noroeste paulista, em Uberlândia (FELICE, 2012) e em Nova Venécia (CELIA, 2004) e especificamente de /o/ nas variedades de Recife (AMORIM, 2009) e de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987). Na variedade da capital mineira, sílaba travada por fricativa favorece o alçamento de /e/ e de /o/.

De modo geral, as variáveis sociais são menos atuantes do que as variáveis linguísticas. Como já mencionado, o *sexo/gênero*, a *faixa etária* e a *escolaridade* não se mostram relevantes para o alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista. Quando as variáveis sociais atuam, em determinadas variedades, parecem exercer maior influência sobre a vogal pretônica /e/ do que sobre a pretônica /o/, o que vai ao encontro da constatação que Bisol (1981) faz acerca do dialeto gaúcho de que o falante tem consciência do alçamento somente da pretônica /e/, pois, em seu estudo, a fala espontânea favorece o alçamento de /e/ enquanto a fala-teste, mais formal, desfavorece o fenômeno nessa vogal.

Especificamente sobre o *sexo/gênero*, os únicos estudos que mostram alguma influência dessa variável são os que tratam dos falares de Uberlândia (FELICE, 2012), Formosa (GRAEBIN, 2008) e Recife (AMORIM, 2009). Nas duas primeiras cidades, as mulheres favorecem o alçamento da pretônica /e/ e, em Recife, são os homens os que apresentam maior probabilidade de alçar essa vogal. Essa variável não se mostra relevante no alçamento das vogais médias pretônicas do noroeste paulista, Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Belo Horizonte (VIEGAS, 1987), Salvador (SILVA, 1989), João Pessoa (PEREIRA, 2010) e Fortaleza (ARAÚJO, 2007). Nessas variedades, bem como nos dialetos falados em Uberlândia e Formosa, há indícios de que o alçamento vocálico não consiste em um fenômeno estigmatizado, pois, como consta na literatura da área, quando comparadas aos homens, as mulheres tendem a usar formas estigmatizadas com menor frequência, sendo mais sensíveis ao padrão de prestígio (LABOV, 1991 [1972]).

Quanto à *faixa etária*, os mais velhos são os mais propensos a realizar o alçamento no Rio Grande do Sul (BISOL, 1981) e em Fortaleza (ARAÚJO, 2007). Por outro lado, os mais jovens realizam o fenômeno com maior probabilidade do que os mais velhos em Belo Horizonte (nesta variedade, apenas para /e/) (VIEGAS, 1987). Nos dialetos do noroeste paulista, Uberlândia (FELICE, 2012), Nova Venécia (CELIA, 2004), Salvador (SILVA, 1989), Recife (AMORIM, 2009) e João Pessoa (PEREIRA, 2010), o alçamento se encontra em variação estável.

Observa-se, quanto à *escolaridade*, que os indivíduos menos escolarizados apresentam o alçamento vocálico com maior probabilidade nas variedades de Fortaleza (ARAÚJO, 2007), Uberlândia (FELICE, 2012) e Formosa (GRAEBIN, 2008) – nas duas últimas variedades, apenas para a pretônica /e/. Vale ressaltar que a escolaridade não se mostra relevante nas variedades do Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), noroeste paulista e João Pessoa (PEREIRA, 2010).

De modo geral, dada a atuação inexpressiva de variáveis extralinguísticas para a realização do alçamento, pode-se dizer que este sofre maior influência de fatores linguísticos. Os fatores estruturais previamente elencados que favorecem o alçamento em diferentes variedades do PB podem ser sintetizados no seguinte quadro:

Quadro 1. Quadro comparativo de fatores linguísticos em diferentes variedades do PB⁷

Variáveis Variedades	Vogal alta (gatilho)	Grau de atonicidade da vogal pretônica	Ponto de articulação da consoante precedente	Ponto de articulação da consoante seguinte	Estrutura da sílaba
Noroeste Paulista (CARMO, 2013)	Contígua	Átona permanente, átona variável com vogal alta	Labial	Velar, labial	Ausência de coda
Rio Grande do Sul (BISOL, 1981)	Contígua	Átona permanente, átona variável com vogal alta	Velar, labial	Palatal, velar, labial	Nasalidade
Belo Horizonte (MG) (VIEGAS, 1987)	Tônica contígua	---	---	---	Fricativa em coda, ausência de coda
Uberlândia (MG) (FELICE, 2012)	Tônica contígua	---	Labial, velar	Velar	Ausência de coda, nasalidade
Nova Venécia (ES) (CELIA, 2004)	Contígua	Átona permanente, átona variável com vogal alta	Ausência, palatal, bilabial, velar	Ausência, velar, labiodental	Ausência de coda, nasalidade, oralidade
Brasília (DF) (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992)	---	Átona permanente	Palatal, ausência, labial, velar	Ausência, labial, velar, palatal	---
Formosa (GO) (GRAEBIN, 2008)	---	---	Velar, ausência, bilabial	Palatal, pós-alveolar, velar, /N/, /S/, labiodental	---
Salvador (BA) (SILVA, 1989)	Contígua	Átona variável com vogal alta	Labial, dento-alveolar não-lateral, velar	Labial	---
Recife (PE) (AMORIM, 2009)	Tônica contígua	Átona permanente	Labial, velar, alveolar, palatal	Labial, alveolar, velar, glotal, palatal	Ausência de coda
João Pessoa (PB) (PEREIRA, 2010)	---	---	Labial	---	---
Fortaleza (CE) (ARAÚJO, 2007)	---	Átona permanente, átona variável com vogal alta	Velar, palatal, labial	Labial, palatal, velar	---

Por meio do Quadro 1, são observadas algumas tendências gerais de fatores linguísticos que favorecem o alçamento das vogais médias pretônicas do PB:

Presença de vogal alta (principalmente quando tônica) na sílaba seguinte;

- Caráter permanentemente átono da pretônica;
- Atonicidade casual com tônica alta (relacionada à harmonia vocálica na raiz verbal);
- Consoante precedente:
 - Palatal e ausência de consoante, principalmente para /e/;
 - Labial e dorsal/velar, principalmente para /o/; e

⁷ Nas células do Quadro 1, a cor preta indica que o fator favorece o alçamento de /e/ e /o/, a cor azul, o alçamento da vogal anterior e, por fim, a cor vermelha, a aplicação do fenômeno no que tange à vogal posterior. Deve-se destacar, também, que o símbolo “---” representa (i) a não-investigação da variável por parte do(a) autor(a) ou (ii) a não-seleção do grupo de fatores para a variedade considerada.

- Consoante seguinte:
 - Dorsal/velar, apenas para /e/;
 - Labial e palatal, principalmente para /o/;
 - Ausência de consoante, para /e/ e /o/.

Dentre as variedades listadas no presente estudo, a variedade do noroeste paulista em muitos aspectos se assemelha à gaúcha (BISOL, 1981) em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas. Em ambos os dialetos, além da ausência do *abaixamento*, verifica-se a atuação da harmonização vocálica como principal processo para a realização do alçamento. A harmonização atua de modo semelhante nas duas variedades: a vogal /i/ engatilha o alçamento de /e/ e de /o/, mas a vogal /u/ atua principalmente em prol do alçamento da vogal média posterior. Para a aplicação da harmonização, a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é obrigatória, ao passo que a tonicidade da vogal gatilho é informação relevante, mas não determinante. A natureza permanentemente átona da pretônica também favorece o alçamento nas variedades gaúcha (BISOL, 1981) e do noroeste de São Paulo. Finalmente, quanto à redução vocálica, os resultados obtidos para a variedade do noroeste paulista (consoante labial em contexto precedente e/ou seguinte favorece o alçamento de /o/ e consoante dorsal/velar subsequente favorece o alçamento de /e/) também foram encontrados no falar gaúcho (que, por sua vez, também apresenta favorecimento do alçamento de ambas as pretônicas por parte das consoantes velar e palatal em posição precedente e seguinte, respectivamente).

Considerações finais

Como exposto no presente artigo, quando comparadas as diferentes variedades do PB em relação ao *alçamento vocálico*, observa-se uma tendência ao seu favorecimento por parte da presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, que engatilha a harmonização vocálica, principalmente quando esta vogal é tônica. No tangente às consoantes adjacentes, para a pretônica /e/, verifica-se a influência de consoantes com ponto de articulação alto (palatal e dorsal/velar) e, para /o/, além do ponto de articulação alto das mesmas consoantes (palatal e dorsal/velar), observa-se a influência da consoante labial, que favorece o alçamento da vogal posterior pelo fato de a vogal alta /u/ ser mais labializada do que /o/ (BISOL, 1981).

Além disso, a vogal pretônica – principalmente quando /e/ – em início de vocábulo tende a alçar, assim como a pretônica seguida imediatamente por outra vogal, com a qual forma sequência vocálica. Os contextos de vogal pretônica em início de vocábulo, ditongo e hiato foram descartados da análise de Carmo (2013) sobre as vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista, dentre outros motivos, justamente por apresentarem frequências altas de alçamento, o que poderia enviesar os resultados quantitativos de sua pesquisa.

Especificamente no que diz respeito à variedade do noroeste paulista, dada a ausência do fenômeno de *abaixamento* das vogais médias pretônicas, confirma-se a classificação de Nascentes (1953 [1922]) que coloca esse dialeto como pertencente ao subfalar sulista, do grupo *sul* do PB. De modo geral, os resultados comparativos expostos no presente artigo aproximam a variedade do noroeste paulista ao dialeto gaúcho, devido à

ausência do abaixamento e à atuação similar da harmonização em prol do alçamento das vogais médias pretônicas em ambas as variedades.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 2, p. 23-44, 1981.

AMORIM, G. S. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife*. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

ARAÚJO, A. A. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (Org.) *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-30, 1992.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

_____. *As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista*. 2013. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia-ES*. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 14-90.

FELICE, A. C. G. L. *Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense*. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

GRAEBIN, G. S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11th printing. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-14.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

PEREIRA, R. C. M. *Uma análise variacionista das vogais médias pretônicas*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. 371 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. 1987. 231 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].